

RESENHA

CIÊNCIA E POLÍTICA – DUAS VOCAÇÕES^a

MAX WEBER

Resenha elaborada por Vera Maria Ribeiro⁶

Os dois ensaios, a *Ciência como Vocação* e a *Política como Vocação*, reunidos em um único volume foram escritos um ano antes da morte de Weber, em 1920.

Expõe nos mesmos, seus pensamentos sobre temas que sempre o preocuparam, como as condições concretas da Alemanha do início do século e os rumos da ciência em um mundo em rápida transformação. Apresenta sua compreensão de racionalidade, entendendo-a como um dos fatores de transformação social; a função da ciência; a estruturação da política e o funcionamento do Estado Moderno.

O tom incisivo com que Weber defende suas posições e a clareza didática de suas explicações evidenciam o cientista competente e ciente de suas responsabilidades face aos acontecimentos que marcaram o mundo pré e pós guerra de 1914.

Em “A Ciência como Vocação”, Weber analisa como a prática científica pode ser exercida como vocação, indicando as diferenças estruturais, organizacionais e de funcionamento dos sistemas acadêmicos da América do Norte e da Alemanha. Considera Weber que a vocação científica é condicionada pela especialização crescente do conhecimento e a paixão para perseguir a “experiência viva da ciência”, produzindo algo que encerre valor. A intuição científica surge como resultado do trabalho pertinaz e da paixão em busca de resposta, que serão úteis para o avanço do conhecimento e deverão infalivelmente serem ultrapassadas.

Aborda em seguida o ponto fundamental do ensaio, que é a significação da ciência para o mundo moderno. Na compreensão de tal significado deve-se reconhecer que a intelectualização e a racionalização — que são próprios da ciência, não levam a um conhecimento partilhado e crescente das condições de vida atual, mas sim a conclusão que os fenômenos são racionais, tendo uma explicação e sendo dominados por meio da previsão e do controle técnico.

Evidenciando o caráter inquisitivo da ciência, mostra como em sua trajetória esta descobre o **conceito**. Que buscava ensinar a forma correta de se agir no mundo — o ser verdadeiro. O segundo grande instrumento da ciência — a **experimentação racional**, como princípio de pesquisa que fundamenta a ciência empírica moderna. Perseguiu a arte verdadeira, ou melhor, o caminho capaz de conduzir à verdadeira natureza, considerada o padrão de excelência.

Séculos mais tarde procurou se aproximar de Deus, através do exame da natureza, por meio das ciências exatas que buscava descobrir os traços das intenções divinas nos fenômenos naturais. Conclui que os cientistas com sua racionalidade, não conduzem ao sentido do mundo e nem a Deus. A ciência pressupõe que o resultado de seu trabalho é importante em si. Esse pressuposto, bem como o da validade das regras da lógica e metodologia não podem ser demonstrados. Os pressupostos científicos são variáveis, dependendo da estrutura de cada ciência, a qual não tem como impor valores, que estão sempre em contradição e se alteram de uma época para outra.

Para Weber, a significação da ciência e sua contribuição para a vida política e pessoal é a seguinte:

- permite o domínio técnico da vida por meio dos conhecimentos que dispõe, tanto na esfera dos fenômenos como na atividade cotidiana;

- possui os instrumentos e métodos para aplicá-los eficientemente na construção do conhecimento;

- contribui de maneira efetiva para a **clareza** — indicando as conseqüências que uma ou várias ações podem ocasionar — a tensão entre fins e meios. Esta clareza auxilia as pessoas a darem conta do fim último de seus atos. Seu papel é o aprofundamento da consciência individual e o conhecimento das relações objetivas — racionais.

Destacam-se algumas posições de Weber, que podem ser consideradas radicais, como a separação entre o conhecimento e a ação. Parece considerar este como uma condição e não fato substantivo que induz a ação concreta. Explicita claramente esta posição na crítica a alguns professores, seus contemporâneos — “Com efeito, uma coisa é tomar posição política prática, e outra coisa é analisar cientificamente as estruturas políticas e as doutrinas de partidos”.

Tece comentários sobre os pressupostos da ciência e a postura do cientista, o qual deve apresentar um padrão moral e ético, decorrente de sua visão de mundo. A tarefa de dar sentido à vida ou a ordenação dos fatos contraditórios percente ao demagogo e ao profeta.

Outro aspecto que merece ser evidenciado é sua afirmação que a racionalidade e intelectualidade devida a ciência e a tecnologia não é partilhada por todos os homens e somente por aqueles que se interessam e estudam os diversos fenômenos. Tal constatação pode ocasionar uma ex-

^a. Departamento de Serviço Social — CESA/UDEL.

trapolação do papel do cientista, tornado-o infenso a valores morais, uma vez que seu conhecimento especializado permite dispor dos fatos e ordená-los segundo sua intenção. Não há uma salvaguarda para a expansão da ciência e sabendo-se que para um mesmo fato científico as interpretações são variáveis, as posições éticas passam a primeiro plano. Exemplos atuais que ilustram essa preocupação são as experiências com a fecundação "in vitro" e a definição da morte, fatos científicos com conseqüências ainda imprevisíveis e opiniões diversificadas entre os cientistas, resvalando mais para uma posição moral.

Parece ter percebido o desencanto com Deus e com razão lógica que predominava em sua época e a importância excessiva que vinha sendo dada à ciência como instância ordenadora da vida. Parece ser esta a razão pela qual afirma tão enfaticamente que o cientista não deve ser um disseminador de ideologias, mesmo porque tal papel cabe aos profetas e políticos.

No segundo ensaio, "A Política como vocação", expõe o sentido da vocação política e não conteúdos e formas de encaminhamento do poder na vida prática. Considera como política a direção do agrupamento humano, hoje denominado Estado, anunciando-o como "comunidade humana que dentro de um território reivindica o uso legítimo da violência física". Constitui-se na dominação de homens sobre homens e pode ser legitimado de diferentes formas, embora nunca puras em si. O poder pode ser tradicional, carismático e legal (validade de um estatuto legal e de competência positiva).

O Estado moderno retirou das mãos dos particulares os meios para manutenção de sua autoridade. Aos homens políticos, representantes do poder, cabem a administração dos meios materiais de gestão e o controle da máquina administrativa. Os políticos exercem suas atividades de duas formas — ou se vive para a política ou se vive da política, diferenciando-se assim os que possuem uma vocação real. O desenvolvimento da moderna função pública exige funcionários qualificados "sine ira et studio" (sem ressentimentos e preconceitos) que possam levar adiante a gestão institucional. A base dessa qualificação é a racionalização crescente do mundo e a divisão social do trabalho.

Ao lado da diferenciação na esfera administrativa, houve uma evolução envolvendo os dirigentes políticos, sua for-

ma de recrutamento e comportamento diante da máquina partidária. Esta é também analisada a partir da experiência da Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos.

Esclarece ainda a natureza do sentimento de poder e as condições exigidas para adquirir o direito de interferir na História por meio da política, as quais advêm de três qualidades: paixão, sentido de responsabilidade e senso de proporção.

Weber indica a condição ética da política; determinada pela idéia de mundo, tal como a ética da ciência. Afirma a importância da mesma ser precedida da qualidade inerente ao homem público, de responsabilidade pelo futuro.

Como questão decisiva coloca a ética da convicção e a ética da responsabilidade, que aparentemente opostas se complementam, analisando as conseqüências práticas de cada uma, relacionando-as com o instrumento específico da violência legítima, que é o meio pelo qual se vale o Estado para conseguir suas intenções.

Nota-se a preocupação constante de Weber em contrapor às suas idéias a realidade da Alemanha, vencida na primeira guerra mundial e prevê as conseqüências do comportamento dos dirigentes de alguns partidos, que exaltam a necessidade de uma vitória, levando o país a uma exacerbação patriótica que culmina no facismo nacional socialista.

Insiste no que chama de irracionalidade ética do mundo, constituída pela irracionalidade dos valores e que tem como base a diversidade infinita do real, além das conseqüências que presidem a escolha de uma ética de convicção ou de responsabilidade.

A concepção de Estado como um meio para manter a ordem, denota uma posição conservadora, formalista e não ligada às reais condições de existência da população. Sua preocupação com o poder, que deve ser sempre exercido por um grupo privilegiado e escolhido dentro de uma estrutura partidária reforça a posição conservadora.

A preocupação com o fim do Estado não é relevante, uma vez que é condicionada por um código moral e axiológico, variável em cada cultura. Para Weber cabe aos políticos responsáveis apropriar-se dos valores vigentes e legitimar sua posição, com senso de proporcionalidade e responsabilidade. Novamente, como ocorre com o cientista, preside a sua opção o código de valores considerados válidos e vigentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. WEBER, MAK. *Ciência e política* São Paulo, Cultrix, 1985.

Recebido para publicação em 16/3/1988.